



A MORTIFICAÇÃO DA MÍDIA PRIMÁRIA PELAS IMAGENS

Günter Wilhelm Uhlmann

**São Paulo
2002**

A MORTIFICAÇÃO DA MÍDIA PRIMÁRIA PELAS IMAGENS

Uma reflexão a partir do pensamento de Dietmar Kamper em *Von Wegen* (München : Fink, 1998)

Günter Wilhelm Uhlmann

Artigo elaborado originalmente para o COS / PUCSP : SÃO PAULO, 2002

O Mundo ocidental a partir de Kamper (1998) tem por lema fazer uma imagem de tudo e de todos. Elabora-se a imagem de um corpo, mídia primária na conceituação de Pross (1972), para poder-se rapidamente esquecer da ação e do próprio corpo. O corpo vivo que a gerou passa a ser secundário, mortificado e esquecido, que leva a Kamper a perguntar “o que fazer com tantos Defuntos”. O que fazer com os corpos mortificados em imagens. Corpos vivos, que para continuarem a viver necessitam de contato, de conexão, de vínculos efetivos que a imagem, intocável, não é capaz de suprir. Afirma Baitello (2002) que “o primeiro sacrifício (...) termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva”.

O contato físico, o tocar-se, tão requerido pela vida, entre a mídia primária, passa por uma profunda metamorfose. De onipresente antes do nascimento, o ser envolto, protegido e atendido em todas as suas necessidades, no ventre materno, passa a ser tolerado, permitido enquanto este corpo for criança. Ao tornar-se adulto, no entanto, instala-se o “não me toque” sob o manto social da “Dignidade”, da “Honra”, da “Reputação”, expressões que trazem em seu bojo a aludida intocabilidade.

O ser vivo, o corpo presente é comum, vulgar, ao qual não se rendem homenagens e atenções, porém ao fantasma, ao zumbi, à imagem que o substituiu e por conseguinte mortificou, voltam-se as atenções e honras. O convívio social no mundo ocidental passa a ser, de maneira crescente, até mesmo exponencial com o advento das novas tecnologias geradoras de imagens, governado por imagens, de aparências, do político, do diretor, do homem e da mulher. Imagens que se sobrepõe à pessoa. Idolatra-se, a imagem de uma mulher, de um homem, imagens estas freqüentemente

geradas não apenas por corpos vivos autênticos e reais, mas também por corpos já mortificados em imagens que passam a governar os demais corpos que em imagens mortificaram e continuam mortificando os seus e demais, ainda, corpos vivos. Parafraseando Baitello (2002) tendo em mente a crescente tecnologia do afastamento, da virtualização, é válida a ilação de que “a imagem de um presente será sempre a sua ausência”, um “corpo que apenas se vê quando é visto, se observa quando é observado, jamais se sente porque não pode ser sentido”.

A partir desta perspectiva não é de se estranhar a presença cada vez mais intensa da revolta do corpo devido à violência por nós, a sociedade, lhe imposta, direta e indiretamente via tecnologia desenvolvida e aplicada por esta mesma sociedade. A mídia primária em sua revolta se expressa igualmente com uma violência, que se expressa em fenômenos sociais sobejamente conhecidos e vivenciados – o aumento da violência social e pessoal tão presente no cotidiano. Esta constatação parte do fato de um corpo para poder ser mortificado em uma imagem, precisa ter alcançado um determinado ‘status social’, o qual é medido, atribuído, pelos valores desta sociedade que por seu turno são igualmente influenciados pelas imagens ou seja caracteriza-se a realimentação do processo. É freqüente nas sociedades ocidentais estes valores sociais serem expressos por valores monetários e estéticos a serem alcançados a qualquer preço.

Preço este que pode ser a vida, afinal esta é somente atrelada a um corpo vivo, o qual não sendo uma imagem venerável, não se lhe atribui o valor e as homenagens sendo, portanto, sem valor, podendo ser vilipendiado em nome das aparências, do status a ser alcançado que o habilita a ser mortificado em uma imagem. Drogas, seqüestros, assassinatos, depressão, síndrome do pânico, pedofilia, impotência *coeundi*, são alguns dos nomes desta violência.

Kamper busca elucidar a gênese desta mortificação, do corpo pela imagem, a partir do relato bíblico (também uma imagem!) da colocação de Jesus para Maria “Não me toque pois ainda não ressuscitei e retornei ao meu Pai”. Esclarece Kamper, que neste momento Jesus ainda era uma imagem inacabada, que não poderia ser tocada por um outro corpo, pois este tocar

poderia macular a imagem em elaboração, coibir, portanto, a sua ressurreição ou seja, a sua transformação em uma imagem acabada, quando então, jamais poderá ser tocado. Fica para Kamper a pergunta “como foi possível inverter tão rapidamente a humanização de Deus, de uma misteriosa encarnação, para uma ácida desencarnação”?

A análise do processo de formação das imagens lhe traz a elucidação. Ao verificar que o imagético de um corpo vivo que mortifica corpos em imagens, identifica que este imagético, em análise última, não é tão livre. É bem verdade que o imagético, a segunda realidade do tcheco Ivan Bystrina, há a ausência da regência das leis da física e da lógica no qual tudo é permitido e concebível. No entanto, esta segunda realidade também é influenciada e condicionada pelos valores culturais, pelas “leis” não escritas e consubstanciadas em códigos. “Leis” estas que estão arraigadas, coladas e sobrecoladas cumulativamente na cultura de um povo, criadas e recriadas por este povo o qual, por seu turno, também por elas é recriado, ou como se expressa Baitello (1999) “o cultivador passa a ser o alvo da ação de cultivo”.

É este conjunto de valores culturais que pressiona, condiciona a formação, a irreversível transformação do corpo mortal em um corpo morto e deste para a imagem imortal. A imagem de Cristo, portanto, é a imagem gerada pelo imagético cristão da época, pelos valores culturais àqueles inerentes e condicionadora, cumulativamente, do comportamento, dos valores das gerações futuras. A âncora cultural, os valores tradicionais e centrais, até mesmo para a preservação do *status quo* do sistema (de poder, político, religioso etc.) são preservados pelos suportes culturais, mas também pelas pressões sociais para a sua manutenção.

A imagem da mulher, dicotômica por excelência, condicionada pelas também imagens da Santa Virgem Maria e da Prostituta, da Mãe e da Fêmea, da Castidade e da Frivolidade, condicionou a mulher real, o corpo vivo até o momento presente. Condicionamento este, cultural sem dúvida, mas também intencionalmente reforçado pelo arcabouço de poder e pressão do ‘*establishment*’, do fogo purificador da inquisição ou das pedras atiradas àquelas, que ousavam divergir da imagem condicionadora. Presente até hoje,

este condicionamento apenas mudou as suas ferramentas de persuasão aplicadas aos hereges. A fogueira, as pedras, a inquisição chamam-se hoje, desemprego, pressão econômica, aparência física, indumentária entre tantas outras mais. Resumindo, Kamper (2002) afirma que “a fantasia serve apenas para transformar tudo, que vai ser, numa imagem do que já foi. O futuro vivo é sacrificado ao passado morto” .

A partir desta percepção da gênese das imagens, percebe-se uma composição bipolar, antagônica do ser e do não ser. O processo de fazer imagens é portanto, também, a tentativa de um ato de santificar e purificar um corpo, mundano, profanado e carnalmente tocado, logo pecaminoso. Lembra, no entanto, Kamper (1998) que este ato de fazer imagens a partir da citada dicotomia leva aos céus, também um pedaço do inferno, do carnal, do contaminado.

A formação das imagens, nos primórdios da civilização humana de maneira lenta, passou por uma metamorfose acelerativa com o advento da tecnologia geradora de imagens.

A construção mais rápida das imagens, a aceleração da mídia, conclui Kamper na verdade não gerou uma economia do tempo, mas sim uma sua maior utilização, consumo e desperdício. A tecnologia geradora de imagens, a TV, o vídeo, como exemplo, levam a pessoa que as vê a se ‘desligar’ da superfície da imagem tal qual esta se ‘desligou’ do corpo que lhe deu origem.

As imagens da TV são geradas sem poderem ser aproveitadas pelo tempo nelas contido. Representam ‘espaços virtuais’ que procuram levar a um tempo conhecido, sugestionam como o virtual, imaterial deve ser pensado, interpretado em termos temporais. A percepção da nossa realidade (*Umwelt*), da realidade percebida pela humanidade, é que esta de fato é repleta de guerras, confrontos e de toda uma parafernália de artefatos de cunho bélico, portanto é uma realidade destrutível. A humanidade ao evitar a proximidade, ao levar a destruição a um mundo virtual, procura negar esta destruição e suas conseqüentes perdas. A destruição levada a uma imagem em tela plana (TV), sem tempo, faz com que a dificuldade do encontro, do contato entre a mídia

primária seja levada para esta virtualidade atemporal, incapaz de lidar adequada e coerentemente com o passado, o presente e o futuro.

As imagens em tela plana (TV), apagam o passado, alteram o presente e suprimem o futuro; representam um conhecimento morto, de um espaço morto, no qual o tempo foi reduzido a uma única dimensão, uma única sucessão de pontos do 'agora', de imagens que se sucedem como se fossem o agora, o momento presente. Afirma Postman (1988) a este respeito que fazer imagens, "castelos no ar, todos nós o fazemos, o problema surge quando queremos os habitar" arrematando que com o surgimento da televisão "começamos a ocupar e habitar este mundo de imagens", no qual "nenhuma outra mídia [a não ser a Televisão (GWU)], teve o poder de tão duradouramente organizar a nossa realidade comunicacional."

A realidade fragmentada, retratada por imagens sem tempo, levam as pessoas a reações inadequadas tais como a regressão a tempos passados ou digressões em mundos de fantasias, enfim a viverem em um mundo sem o agora, sem o real, somente o virtual e imagético. Em um mundo conf. Postman (1988) de pseudo-contextos que procuram gerar uma utilidade aparente, ao agregar, fragmentadas informações sem importância.

O pretendido e anunciado sucesso, poder e possibilidade de domínio pelas imagens acabou por transformar-se numa derrota. Kamper analisa este fato a partir da depuração dos ídolos e idílios, presentes desde os primórdios da civilização, frutos da sua capacidade imaginativa, da capacidade da sociedade gerar, portanto, imagens. Inicialmente os ídolos, e mais tarde os idílios. Ídolos ligados às convicções, eventualmente ao fanatismo, representam algo que não pode ser representado, uma invisibilidade não presente, um Deus ou uma divindade à qual se rendem homenagens. O político, enquanto ídolo, não oferece ao seu público uma imagem, ele se transforma, se mortifica em uma imagem, idealizada pelo seu público. Arremata Postman (1988) que "aquele que gostaria de ser um deus, transforma-se em uma imagem, que será exibida da maneira como os espectadores gostariam que fosse".

Os idílios, representando um estado de bem estar, de uma utopia almejada, ligadas mais a um certo desleixo e a estratégias, impossíveis e inverossímeis, para alcançar um bem estar representam, portanto, uma compensação para as adversidades da realidade, um lugar para se refugiar dos perigos da vida.

Em suma ídolos e idílios podem ser entendidos como substitutos, agradáveis e temporais, das adversidades da realidade, facilitadores do convívio, por conseguinte.

A partir desta constatação Kamper(1998) conclui serem símbolos de uma tentativa de domínio do insuportável da divindade contida na imagem e da vida caótica. Afirmando de tratar-se de uma tentativa, pois historicamente ficou comprovado que o próprio domínio do insuportável por ídolos e idílios acabou por tornar-se insuportável.

Para chegar a esta conclusão Kamper (1998) verificou que os primeiros ídolos eram de figuras proeminentemente femininas, ou seja a substituição e conseqüente mortificação do corpo da mãe por sua imagem, adorar a imagem passou a ser adorar a mãe e odiar imagens, conseqüentemente a odiar a mãe. O patriarcalismo ao tentar coibir, sem sucesso, as imagens substituindo-as por símbolos, a escrita, no afã de conter a fascinação da regressão, acabou com a sua derrocada revitalizando o poder da imagem, fazendo Kamper a afirmar “a prisão da primeira mãe (a imagem) não pode mais ser abandonada.”

Os ídolos foram e são derrubados e dos idílios emergem revelações do que pretendiam esconder. Nenhum nem outro é permanente como nada neste mundo é constante, a intencionalidade da sua conservação faz apenas com que aumente a velocidade da sua derrocada. Este fato advém da própria característica das imagens que não ‘vivem’ por si só, necessitam de alimento, auferido a partir do olhar de alguém que as venere. Os idílios, por seu turno, ao representarem um estado almejado, necessitam de um igual proceder, para que este estado continue sendo almejado.

A humanidade na visão de Kamper não tem habilidade de lidar com as imagens, procura governar, dirigir com ídolos e seduzir com idílios, porém as

promessas um dia terão de ser cumpridas, a temporária sensação de bem estar, proporcionado pelos idílios se rende à realidade. Realidade esta que fora reduzida a algo menor, pequena, para poder ser dominada, entendida e planejada. O mundo foi reduzido, recortado e contido em uma superfície plana de uma imagem. Esta superficialidade no entanto é enganosa para o seu espectador, pois a superfície contém significados intrínsecos tais como o recorte, os limites, o enquadramento, o superior e o inferior, a profundidade simulada e a própria constelação sugestiva das figuras representadas na imagem.

A representação das figuras (formas, contorno e fundo) ocorre por uma codificação simples, tudo que se mostra é reduzido do tridimensional (real - vivo) a uma superfície de uma tela plana, a um simulacro. O que engana não é esta visão frontal da figura em si, mas sim o engano decorre a partir do aparato de suporte da imagem. Tem este aparato a desvantagem de levar ao esquecimento que houve um corpo representado naquela imagem. Mais uma vez fica nítida a percepção da supressão, da mortificação do corpo pela imagem que passou a representá-lo. A pretensão de representar o mundo em uma tela plana mesmo com a mais alta definição tecnológica é por Kamper definida como um delírio, pois ainda é uma destruição, no instante que faz com que se 'esquece' que as imagens são um cadáver de uma visão passada, de um amor morto.

Conclui daí que os ídolos são os assassinos e os idílios os mortais que atuam sobre, e do imagético social. O observador 'enganado' precisa continuamente ser regenerado, atualizado por novos simulacros, novas imagens que sugestionam novos ídolos e idílios, donde se evidencia sua própria impotência e destrutibilidade.

A máquina de fazer imagens, enquanto regenerador e contínuo produtor destes simulacros, foi por Kamper (1998) caracterizada como a que "surge no âmago do poder do moderno, que devora as imagens para não mais as evidenciar".

A partir desta concepção elabora, em parceria com outros pensadores, uma constelação de 10 tópicos, com o fim precípuo de descrever, um lugar e um processo, que possa evidenciar a inevitável necessidade de uma Arte da Percepção da humanidade, uma vez que a partir do entendimento de seu refugio na complicada tela plana como um não espelho, desencadeia uma crise da visibilidade, pela sua fraqueza de não poder manter distanciamentos.

Estratégia do suportável

Trata da percepção de, a verdade nua e crua, ser percebida como obscena e contundente. O distanciamento é requerido para interpor uma zona de conforto e consolação entre a verdade observada (real) e a reconhecida (assimilada), benevolente ou seja uma aparência que faz com que a verdade (desconfortável) se torne uma verdade silenciada. Em suma é a teoria usada como sendo a estratégia para tornar suportável o insuportável, para esquecer as coisas terríveis. Lembra, no entanto, que esta estratégia alimenta também a maldade do homem.

O uso bélico da “teoria“

Fala do uso da teoria como a solução de problemas, de vencer para atender a questão básica da sobrevivência. Sob esta égide a teoria passa a usar a “verdade” estrategicamente no afã de impor a morte ao, como desafeto percebido. Ao se juntar as duas teorias, a do suportável e a do seu uso bélico, percebe-se uma inusitada revolução das relações humanas, como controle (visto como meio de poder) e como fonte de esquecimento e supressão das origens, que acabou por voltar-se contra o próprio homem. A teoria assim entendida tendo um duplo aspecto (poder / esquecer) para culminar na morte. Resulta daí uma abstração do mundo que dissolve as diferenças entre a ficção e a realidade que liberta o imaginário donde surge o desaparecimento do distanciamento entre os corpos que validava a própria teoria.

Uma ilusão como base

A torrente de imagens bloqueia a própria força das imagens. A dominação do tempo acarretou em uma erosão dos fundamentos que por sua

vez erodiram o conhecimento em sua durabilidade e consistência. Levou, também a uma diminuição do distanciamento que faz com que sobrem as verdades letais, para quem as tem e contra quem forem usadas, sobram as indiferenças, o vazio hostil. Submergem as teorias pela excessiva repetição.

A submersão do espectador e a queda do observador

O espectador passa a ser envolvido pelos acontecimentos que lhe dizem respeito e o observador, em seu bélico posto de controle externo, é tragado pelo objeto observado. O homem ameaçado procura salvar os seus bens e haveres em uma imagem, no entanto, seu olhar “odeia” o terrível que vê, estando o belo, portanto, já apagado, sendo levado a uma dominação a partir de modos arcaicos da imaginação que impedem a livre fantasia impondo uma direção do tempo forçado por uma neurótica devoção tal qual a da religiosidade.

O espelho que não é espelho

A tese aqui alocada é a “é na tela que ocorre a queda e submersão das duas variantes das tradições ocidentais”. O distanciamento somente pode ser mantido em um mundo real, com corpos e coisas reais. No mundo do imaginário as distâncias (imaginárias) ainda se mantiveram, no espelho havia a imagem de um mundo em profundidade com distâncias. A tela, no entanto, não mais necessita simular o espaço, nela há o triunfo da superfície. A tela representa uma presença por uma imagem simulada, pelo fluxo de pontos energéticos que sobre ela fluem sem deixar um rastro. Esta falta de rastro caracteriza para Kamper uma mídia que tem um “entre” imaterial.

A quebra da unidade imaginária

A fragmentação, até então característica do pensamento humana, que correspondia a uma unidade imaginária, aparece agora na tela na forma dos programas destruidores do ordenamento temporal. O “zappear”, pular de canal em canal na busca de algo interessante faz com que o telespectador pratique a por Kamper chamada matança de imagens transformando a tela de exibição das imagens em uma tela “apagada”. Instala-se o formato, adequado à

maquina de tempo, da sistemática destruição de imagens pelo lema do não fluir e fluir.

A tela como local do medo

As telas surgiram inicialmente não pela e para a televisão, mas sim na mente das crianças na qual são utilizadas na regulação dos medos. A criança gera imagens, fantasmas, nas quais desaparecem se diluem as agressões reais, ou seja são utilizadas para superar traumas e agressões. As imagens passam a representar as primeiras experiências humanas, constituindo um referencial basilar, que se reflete nas ações, no falar e agir da pessoa. Uma aceleração das imagens bem como uma furiosa troca dos programas pode ser a consequência, como pode ser também, uma temporária descarga das imagens internas atemorizantes por dispositivos externos. Para a existência dos filmes e da televisão bem como da extraordinária veemência das suas ações contribuíram sem duvida causas psíquicas. As passagens, os medos mais traumatizantes, ao desplante de todos os aspectos de esquecimento cultural ficam retidos nos corpos. O imaginário sob esta ótica passa a ser um reservatório de conhecimentos vividos apavorantes, dos monstros, temores que não puderam ser eliminados nem com o maior esforço artificial.

Crise do visível, crise do momento

Trouxe esta a alta exposição, logo iluminação, que por sua vez acarreta em projeções de sombras jamais imaginadas. Os sonhos passam a ultrapassar a condição humana. O mundo transformado continuamente em imagens, redundando em uma busca frenética da visibilidade, cujo reverso, sua sombra traz uma proporcional invisibilidade. Os corpos mortificados em imagens passam a gerar também medos até mesmo sem que haja uma imagen. O tempo igualmente mortificado se revela em massas crescentes de invisibilidade com assassinos de tempo numericamente também crescentes, que não tem tempo. A mecanização dos tempo trouxe o terror dos prazos, a escravatura pelo tempo, e o intencionado ganho de tempo se revelou em uma efetiva perda de tempo, que levou à necessidade de repetição sem nada poder repetir, ou seja o vazio, o nada.

A crueza da percepção

A compressão do medo e do tempo faz com que não mais seja possível os diferenciar. Quando fica impossível separar-se uma experiência corporal abstrata daquilo que ela nega, destroi ou dissolve, podem ocorrer para Kamper três situações: infecção, inflamação ou concepção. A percepção ocorrida é um ferimento, é mais ser ferido do que ferir, com um fim por conseguinte sem vencedor. Torna-se produtiva como também improdutiva. O homem passa a ser a tribuna na qual se encena um jogo de amor e morte, da estética da existência.

A arte como fraqueza

A fragilidade mortal das teorias que provocam uma contínua volta das imagens, da maneira como o homem interage com o mundo deveria levar ao reconhecimento de uma fraqueza sua, donde deveria emergir uma postura mais cuidadosa. Sob esta perspectiva Kamper encara a arte como sendo a que torna visível esta fraqueza, por ser uma fraqueza, que demarca os limites do visível, da invencibilidade do momento presente.

A realidade midiática

Intencionalidade e efeitos da realidade midiática está calcada em uma realidade binária, insuficiente no entanto, para uma percepção da realidade complexa, analisada sob égide da reducionista da econômica e simplista dualidade do “sim” e do “não”.

Entende Kamper esta realidade midiática como sendo uma figura que possa ver e suportar as ambigüidades até os seus aspectos insuportáveis, que reconheça o futuro olhando o passado, que encontra nas tragédias ocorrências felizes.

A abstração do corpo ocorre em sua plenitude, para Kamper, somente a partir dos novos meios, alcançando uma complexidade que torna difícil discernir se a autoreferência é benéfica ou não. Complexidade esta que desloca constantemente os problemas, e o feedback das ações dos processos leva a uma não possibilidade de uma observação simétrica, que por seu turno

leva ao acompanhamento, à adesão, na qual a estilização da realidade acaba por desarmar os sentidos, a percepção.

Conclusão

A guisa de resumo pode-se afirmar que a mecanização da geração das imagens levou a uma crescente necessidade de exposição, que trouxeram em igual proporção sombras, nunca no passado imagináveis. A busca da visibilidade levou ao crescimento do invisível. O corpo transformado, mortificado em imagem, trouxe também uma série de medos sem imagens, do tempo mortificado e dos assassinos, dos fazedores de imagens com cada vez menos tempo. A título de conclusão afirma Baitello (2002) “ Assim, também se pode considerar que jamais o gesto civilizatório do olhar, a visão e sua hipertrofia tenham causado efeitos tão devastadores sobre a cultura e a existência humanas. Tal qual o olho de um furacão.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO**, Nicola *Dicionário de Filosofia* 4^a ed. São Paulo : Martins Fontes, 2000
- BAITELLO**, JR. Norval *As imagens que nos devoram Antropofagia e Iconofagia – Encontro Imagem e Violência* São Paulo, 2000 in <http://sesc.uol.com.br/sesc/hotsites/imagemeviolencia/conferencias.htm> cap. 02/03/2001
- BAITELLO**, JR. Norval *Comunicação, Mídia e Cultura* in São Paulo em Perspectiva. SEADE : São Paulo, 1998
- BAITELLO**, JR. Norval *O Animal que parou os relógios* Annablume : São Paulo, 1999
- BAITELLO**, JR. Norval *O olho do furacão - Pré Print CICS-COS/PUCSP* : São Paulo, 2002
- FLUSSER**, Vilém *Das Bild (1989)* in <http://www.servus.at/ILIAS/flusser.htm> 26/4/2004
<http://sesc.uol.com.br/sesc/hotsites/imagemeviolencia/> cap. 04/07/2001
- KAMPER**, Dietmar *Estrutura Temporal das Imagens* Pré Print CICS-COS/PUCSP : São Paulo, 2002
- KAMPER**, Dietmar *O corpo vivo, o corpo morto* in <http://sesc.uol.com.br/sesc/hotsites/imagemeviolencia/conferencias.htm> cap. 02/03/2001
- KAMPER**, Dietmar *Von Wegen* München : Fink, 1998
- POSTMAN**, Neil *Wir amüsieren uns zu Tode*. Frankfurt : Fischer, 1988
- PROSS**, Harry *Medienforschung*. Darmstadt : Carl Habel, 1972